Balanço do Fórum e do outro mundo possível

06-Fev-2009

Os que acreditam que o fim do FÃ³rum Social Mundial Ã© o intercÃ¢mbio de experiÃªncias devem estar contentes. Para os que chegaram a BelÃ©m angustiados com a necessidade de respostas urgentes aos grandes problemas que o mundo enfrenta, ficou a frustraÃ§Ã£o, o sentimento de que a forma actual do FSM estÃ¡ esgotada. A anÃ¡lise Ã© de Emir Sader, publicada na Carta Maior .

Leia tambÃ©m o Dossie "FÃ³rum Social Mundial 2009"

Â

Â

Um balanÃ§o do FSM de BelÃ©m nÃ£o deve ser feito em funÃ§Ã£o de si mesmo. Ele nÃ£o nasceu como um fim em si mesmo, mas como um instrumento de luta para a construÃ§Ã£o do â€œoutro mundo possÃ-velâ€•. Nesse sentido, qual o balanÃ§o que pode ser feito do FSM de BelÃ©m, do ponto de vista da construÃ§Ã£o desse â€œoutro mundoâ€•, que nÃ£o Ã© senÃ£o o de superaÃ§Ã£o do neoliberalismo, de um mundo pÃ³s-neoliberal?((

Duas fotos sÃ£o significativas dos dilemas do FSM: uma, a dos 5 presidentes que compareceram ao FSM â€“ Evo, Rafael Correa, Hugo Chavez, Lugo e Lula -, de mÃ£os dadas no alto; a outra, a fria e burocrÃ¡tica de representantes de ONGs brasileiras em entrevista anunciando o FSM. Na primeira, governos que, em distintos nÃ-veis, colocam em prÃ¡tica polÃ-ticas que identificaram, desde o seu nascimento, o FSM: a Alba, o Banco do Sul, a prioridade das polÃ-ticas sociais, a regulamentaÃ§Ã£o da circulaÃ§Ã£o do capital financeiro, a OperaÃ§Ã£o Milagre, as campanhas que terminaram com analfabetismo na Venezuela e na BolÃ-via, a formaÃ§Ã£o das primeiras geraÃ§Ãµes de mÃ©dicos pobres no continente, pelas Escolas Latinoamericanas de Medicina, a Unasul, o Conselho Sulamericano de SeguranÃ§a, o gasoduto continental, a Telesul â€“ entre outras. A cara nova e vitoriosa do FSM, nos avanÃ§os da construÃ§Ã£o do pÃ³s-neoliberalismo na AmÃ©rica Latina.

Na outra, ONGs, entidades cuja natureza Ã© fortemente questionada, pelo seu carÃ¡cter ambÃ-guo de â€œnÃ£o-governamentaisâ€•, pelo carÃ¡cter nem sempre transparente dos seus financiamentos, das suas â€œparceriasâ€•, dos mecanis de ingresso e de escolha dos seus dirigentes â€“ a ponto de, em paÃ-ses como a Bolivia e a Venezuela, entre outros, as ONGs se agruparem maioritamente na oposiÃ§Ã£o de direita aos governos. A sua prÃ³pria atuaÃ§Ã£o no espaÃ§o que definem como â€œsociedade civilâ€• sÃ³ aumenta essas ambiguidades. Entidades que tiveram um papel importante no inicio d FSM, mas que monopolizaram sua direcÃ§Ã£o, constituindo-se, de forma totalmente nÃ£o democrÃ¡tica, como maioria no Secretariado original, deixando movimentos sociais, amplamente representativos, como a CUT e o MST, em minoria.((

A partir do momento em que a luta anti-neoliberal passou de sua fase defensiva Ã de disputa de hegemonia e construÃ§Ã£o de alternativas de governo, o FSM passou enfrentar o desafio de se manter ainda sob a direÃ§Ã£o de ONGs ou passar finalmente ao protagonismo dos movimentos sociais. No FSM de BelÃ©m tivemos a primeira alternativa, no momento daquela fria e burocrÃ¡tica entrevista coletiva das ONGs. E tivemos, como contrapartida, sua formidÃ¡vel cara real, com os povos indÃ-genas e o Forum PanAmazonico, com os movimentos camponeses e a Via Campesina, com os sindicatos e o Mundo do Trabalho, com os movimentos feministas e a Marcha Mundial das Mulheres, os movimentos negros, os movimentos de estudantes, os de jovens â€“ com estes a confirmar que sÃ£o a grande maioria dos protagonistas do FSM.((

O FSM transcorreu entre os dois, entre a riqueza, a diversidade e a liberdade dos seus espaÃ§os de debate, e as marcas das ONGS, refletidas na atomizaÃ§Ã£o absoluta dos temas, na inexistÃªncia de prioridades â€“ terra, Ã¡gua, energia, regulaÃ§Ã£o do capital financeiro, guerra e paz, papel do Estado, democratizaÃ§Ã£o da imprensa, por exemplo. Ã€ questÃ£o: o que o FSM tem a dizer e a propor de alternativas diante da crise econÃ³mica global e diante dos epicentros de guerra â€“ Palestina, Iraque, AfeganistÃ£o, ColÃ´mbia -, que propostas de construÃ§Ã£o de um modelo superados do neoliberalismo e de alternativas polÃ-ticas e de paz para os conflitos, a resposta Ã© um grande silÃªncio. Houve vÃ¡rias mesas sobre a crise, nem sequer articuladas entre si. As atividades, â€œauto-gestionadasâ€•, significam que os que detÃªm recursos â€“ ONGs normalmente entre eles â€“ conseguem programar suas atividades, enquanto os movimentos sociais se vÃªem tolhidos de fazer na dimensÃ£o que poderiam fazÃª-lo, para projetar-se definitivamente como os protagonistas fundamentais do FSM.((

Para os que acreditam que o fim do FSM Ã© o intercÃ¢mbio de experiÃªncias, devem estar contentes. Para os que chegaram angustiados com a necessidade de respostas urgentes aos grandes problemas que o mundo enfrenta, a frustraÃ§Ã£o, o sentimento de que a forma actual do FSM estÃ¡ esgotada, que se o FSM nÃ£o quer se diluir na intranscendÃªncia, tem que mudar de forma e passar a direÃ§Ã£o para os movimentos sociais.((

Surpreendente a quantidade e a diversidade de origem dos participantes, notÃ¡veis as participaÃ§Ãµes dos movimentos indÃ-genas e dos jovens, em particular, momento mais importante do FSM a presenÃ§a dos presidentes â€“ cujas polÃ-ticas deveriam ter sido objeto de exposiÃ§Ã£o e debate com os movimentos sociais de maneira muito mais ampla e profunda. Triste que todo esse caudal nÃ£o fosse ouvido, nem sequer por internet, a respeito do prÃ³prio FSM, das duas formas de funcionamento, da sua continuidade â€“ outro sintoma do envelhecimento das conduÃ§Ãµes burocrÃ¡ticas dadas ao FSM. No dia seguinte ao final do FSM, reuniu-se o Conselho Internacional, de maneira fria e desconectada do que foi efetivamente o FSM, em que cada um â€“ seja desconhecida ONG ou importante movimento social â€“ tinha direito a dois minutos para intervir.((

O â€œOutro mundo possÃ-velâ€• vai bem, obrigado. Enfrenta enormes desafios diante dos efeitos da crise, gestada no centro do capitalismo e para a qual se defendem bastante melhor os que participam dos processos de integraÃ§Ã£o regional do que os que assinaram Tratados de Livre Comercio. Enfrentam a hegemonia do capital financeiro, a reorganizaÃ§Ã£o da direita na regiÃ£o, tendo no monopÃ³lio da mÃ-dia privada sua direÃ§Ã£o polÃ-tica e ideolÃ³gica. Mas avanÃ§a e deve-se se estender, sempre na AmÃ©rica Latina, para El Salvado, com a provÃ¡vel vitÃ³ria de Mauricio Funes, candidato favorito, da Frente Farabundo Marti Ã presidÃªncia, em 15 de marÃ§o prÃ³ximo.((

JÃ¡ nÃ£o se pode dizer o mesmo do FSM, que parece girar em falso, nÃ£o se colocar Ã altura da construÃ§Ã£o das alternativas com que se enfrentam governos latinoamericanos e da luta de outras forÃ§as para passar da resistÃªncia Ã disputa hegemÃ´nica. Para isso as ONGs e seus representantes tem, definitivamente, que passar a um papel menos protagÃ´nico no FSM, deixando que os movimentos sociais dÃªem e tÃ´nica. Que nunca mais existam conferÃªncias como aquela de BelÃ©m, que nunca mais ONGs se pronunciem em nome do FSM, que os movimentos sociais â€“ trata-se do Forum Social Mundial â€“ assumam a direÃ§Ã£o formal e real do FSM, para que a luta antineoliberal trilhe os caminhos da luta efetiva por â€œoutro mundo possivelâ€• â€“ de que a AmÃ©rica Latina Ã© o berÃ§o privilegiado.